

A FEB e a Segunda Guerra Mundial

Flávio Corrêa



70 anos

Minha mãe Maria Isabel sempre dizia que para se garantir na vida tínhamos que ser ou padres ou pilotos da Varig ou militares. Não consegui realizar seu desejo. Não sou padre nem piloto. Não sou nem nunca fui militar, mas apenas um reservista de terceira categoria, recusado pelo Exército e pelo CPOR. Mas sou patriota.

Uma coisa que me deixa triste é a pouca repercussão que tem na nossa sociedade a gloriosa participação da FEB - Força Expedicionária Brasileira - nos campos da Itália. Agora, quando o mundo comemora os 70 anos do término deste que foi o maior conflito armado da história da humanidade, não tem sido muito diferente: poucas homenagens, para o meu gosto, aos 25 mil heróis que combateram com bravura o nazismo no teatro europeu, muitos dos quais perderam a vida sem conseguir concretizar o brado da sua canção, a Canção do Expedicionário, letra de Guilherme de Almeida com música de Spartaco Rossi: “Por mais terras que

eu percorra não permita Deus que eu morra sem que volte para lá”. Para eles, não deu.

Apenas um exemplo da modesta exaltação que se faz à FEB: no best seller “Brasil: uma biografia”, as autoras Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling dedicam no seu alentado compêndio apenas duas páginas das suas quase setecentas aos feitos do batalhão de 25 mil irmãos que fizeram a cobra fumar.

Diz-se, não sem razão, que o Brasil não cultua o seu passado, um defeito da nossa civilização tupiniquim que retira boa parte do orgulho de sermos brasileiros.

Mas a participação dos nossos pracinhas, que protagonizaram um dos episódios mais heroicos da nossa história moderna, mereceria melhor sorte. Por exemplo: as escolas públicas e privadas de todo o país deveriam festejar este feito e ensinar aos seus alunos a importância do patriotismo na defesa dos princípios democráticos que defendemos, sentimento muito bem represen-



Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial.
Parque do Flamengo – Rio de Janeiro

tado pelo sacrifício dos nossos irmãos que enfrentaram as agruras do sangrento teatro de operações. As batalhas de Monte Castello, Castelnuevo, Montese, Collecchio e Formovo di Taro deveriam ser objeto de estudo e de inspiração.

Somos uma nação pacífica, graças a Deus, mas para defender a paz é preciso que estejamos preparados para a guerra: “Si vis pacem, para bellum”.

Como também nos ensina o estribilho da Canção do Exército: “a paz queremos com fervor, a guerra só nos causa dor, porém, se a Pátria amada for um dia ultrajada lutaremos sem temor”.

Por estas e outras razões, dentre elas a preservação do nosso patrimônio cultural, a FUNCEB se dedicou, desde os primeiros dias da sua constituição e em estreita parceria com a iniciativa privada, à tarefa de restaurar o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro. Idealizado pelo Marechal Mascarenhas de Moraes, projetado pelos arquitetos Marcos Konder Netto e Hélio Ribas Marinho, e inaugurado em 5 de agosto de 1960, esta magnífica obra de arte estava necessitando de trabalhos que a recolocassem em condições de uso. Reinaugurado com a presença de centenas de pessoas, entre autoridades e represen-

tantes da sociedade, o Monumento, que é guardado pelo Exército, pela Marinha e pela Aeronáutica, recuperou o seu brilho e voltou a ser palco de atividades cívicas, fiel à sua destinação original.

Em função do momento em que se comemora os 70 anos do fim da Segunda Guerra, vale lembrar, por oportuno, esta que foi a primeira obra da FUNCEB, a que serviu de base e emulação para tantas outras realizações que a Fundação concretizou nos seus 15 anos de vida. Nosso projeto era mais ambicioso. Pretendia também criar um espetáculo de som e luz, ilustrando de forma moderna e criativa, com recursos tecnológicos “state of the art”, a participação das forças armadas no conflito. Não deu ainda para realizá-lo, mas o sonho permanece. Como permanece o sonho de um dia termos um Memorial da FEB, que possa abrigar sob um só teto as várias Associações de Ex-Combatentes que existem no país, todas mantidas por cidadãos abnegados que cultuam as tradições, que reúna a “memorabilia” já escassa, mas ainda existente da nossa participação no conflito e que perpetue os heróis, dos quais, infelizmente, apenas uns poucos continuam no nosso convívio. A construção deste memorial é necessária e urgente, antes que seja tarde demais.